Mais uma tradição sobre a descoberta do Cariri

O Sitio Pau-Secco, no Crato, Ceará

José Carvalho.

O valle do Cariri, no Crato, é sempre acompanhado por duas estradas que tomam diversos nomes, conforme os sitios, ou logares, por onde passam.

E' assim que logo acima de Joaseiro são as estradas conhecidas pelos nomes de: estrada de "São José" e estrada do "Pau-Secco". Corre esta ao norte e a outra ao sul do valle que, ahi, é regado pelo rio "Batateira", no inverno, porque no verão, o rio não "corre", ficando as aguas das fontes empregadas na réga dos sitios que estão pelas faldas da serra Araripe.

Este sitio "Pau Sêcco" pertenceu a Dona Barbara de Alencar, a heroina de 17; e ainda hoje, uma parte delle pertence aos descendentes da mesma, inclusive o autor destas linhas.

Foi ahi que José Martiniano — o emissario dos revolucionarios de Pernambuco — veio encontrar sua mãe, a heroina, para convencel-a que devia apoiar o movimento da Independencia e da Republica.

No meu drama "D. BARBARA" descrevo as scenas desse encontro.

Foi nesse sitio que Barbara de Alencar passou a maior parte de sua vida; embora, de visita, estivesse nas suas fazendas de criação, "Touro", (então Piauhy) "São Gonçalo" e outras, como na villa do Crato, cuja casa ainda hoje existe, como patrimonio do Estado, que a comprou.

Não foi, porém, nessa casa que ella nasceu, como erradamente se vem propalando em escriptos modernos.

Nasceu ella no "Riacho da Brigida", estado de Pernambuco, nome que perpetúa o de sua avó adoptiva, a riquissima cabocla Brigida, filha de indios Cariris, da região.

Foram seus paes Joaquim Pereira de Alencar, portuguez conhecido na tradição por — "1.° Alencar" — e Dona Theodora, brasileira, filha adoptiva da alludida Brigida, casada que foi com outro portuguez, cujo nome se perdeu na mesma tradição.

O sitio "Pau Sêcco", coube em herança a João Gonçalves Pereira de Alencar, filho de Dona Barbara e bisavô do autor.

E foi nesse sitio e na mesma casa, e até no mesmo quarto ou dependencia, em que dormia a heroina, que nasci, em 11 de Fevereiro de 1873.

A velha casa da fazenda que ainda conheci muito bem, tendo no terreiro velhos pés de joaseiros, que desappareceram e, numa das frentes, uma especie de cêrca de catolezeiros (palmeira) alli plantados, foi reconstruida por um dos herdeiros do meu avô — Manoel da Cruz Rosa Carvalho — o meu tio Antonio Leonidas da Cruz, primo e esposo de minha tia Luisa — Bebé — irmã de meu pae, tambem Manoel da Cruz Rosa Carvalho, filho.

A casa foi reconstruida de tijolos (a antiga era de "taipa", enchimento de madeira) mas, como uma "reliquia", foi conservado o "quarto de D. Barbara", com as

suas velhas e grossas parêdes, ennegrecidas pelo tempo e que ainda hoje deve existir, tal como era e tal como o deixou a sua gloriosa possuidora.

Sempre ouvi dizer que D. Barbara havia comprado o sitio a UNS FRADES.

João Brigido, nos seus "APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DO CARIRI", paginas 23 e 24, fala nos padres ou frades da "Missão do Miranda", (depois Crato), e diz:

"Comtudo, eram eminentemente poderosos, e seus arraiaes gosavam de toda a immunidade, não sendo licito a alguem entral-os, sem consentimento delles."

Deve, pois, o sitio "Pau Sêcco — ter pertencido á communidade desses poderosos frades de quem nos fala o emerito chronista cearense.

No mesmo trabalho, acima alludido, João Brigido, transcreve as duas noticias tradicionaes sobre a descoberta do Cariri — o Cariri cearense — porque o ha parahybano, descoberto, segundo o padre Martin de Nantes, em 1670, pelo portuguez Antonio d'Oliveira.

E João Brigido, com aquelle fino atilamento, que foi uma das mais bellas qualidades de seu espirito, tendo escripto o seu trabalho no Crato, em 1859, e o publicado alli no seu jornal — "Araripe" — e, sem conhecer o livro do grande catechista, Martin de Nantes, já despresava uma das "tradições" para se aproximar da outra que é a verdadeira, e de accordo com o alludido padre. (Consulte-se os "Apontamentos").

Segundo, pois, João Brigido, — e toda a tradição oral — o Cariri, cearense, foi descoberto por intermedio de um escravo da casa da "Torre", no São Francisco, do muito grande e muito poderoso Garcia d'Avila, de quem Martin de Nantes nos legou um curioso retrato. A casa "Torre" e os seus "Avilas", já poderosos na guerra de Hollanda, prestaram á causa portugueza assignalados serviços.

O alludido escravo fôra raptado pelos indios, quando ainda creança, e fôra com elles para a região dos valles e da serra Araripe, e alli crescera e vivera prestando aos seus "novos senhores" os serviços de seus braços e de sua intelligencia. E não foram, sem duvida, poucos.

Diz João Brigido que os indios "Cariris" — (os do Crato) viviam, nesse tempo, — no tempo do escravo — em guerra com os "Cariús", (de Missão Velha).

Mas essa classificação de "cariris" e "cariús" não é bem verdadeira, porque todos elles eram de facto CARIRIS, ou KIRIRIS, que foi a grande confederação indigena do Nordeste.

O nome generico era, pois, CARIRI, havendo, porém, muitas outras tribus de differentes nomes, mas todas pertencendo á mesma familia, sem que isso privasse de haver entre ellas, differenciadas, apenas, pelos appellidos, sangrentas e duras guerras ou pelejas, e por causas diversas, como fôsse uma a posse dos melhores terrenos. Os valles, pois, até hoje uberrimos, deviam ser fortemente pretendidos e disputados. E d'ahi as guerras.

* * *

Ora, venho eu hoje, tambem, contribuir para a "Historia do Cariri" com a "minha" tradição oral, sobre a descoberta da região e sobre o sitio "PAU-SÊCCO", onde nasci. Além, pois, do que atraz fica referido em relação ao mesmo sitio e seus antigos donos — os frades e a heroina de 17, minha trisavó — ha mais o seguinte que se vae ver.

Os indios que João Brigido chama "CARIRIS" e que viviam em lucta com os "CARIÚS", chamam-se, de facto, e segundo a tradição que ora revelo, os PAU SÊCCO. E eu, aqui, lastimo sinceramente não poder e não saber dar o nome, ora em fóco, na sua primitiva lingua que é a dos "CARIRIS".

Poderia, se o quizesse, recorrer ao expediente de consultar o Diccionario de Bernardo de Nantes, successor de Martin (e é este o verdadeiro autor do diccionario) e a outros trabalhos sobre a lingua em apreço e "arranjar" um PAU SÊCCO, cariri, com todos os visos e apparencias de authentico. Mas, repugna-me um tal processo e não usarei jamais. Ficam, aqui, a indicação e o processo para os... cabotinos!

"Pau-Sêcco", pois, é a "traducção", em portuguez, do equivalente em "CARIRI".

Vejamos, porém, qual é a tradição que vêm ainda mais celebrisar a humilde tira de terra, de nome tão feio e prosaico e tão desconhecida ou ignorada.

"Minha" tradição, não é propriamente minha. E' do meu tio-avô Antonio da Cruz Neves, que nasceu, viveu e morreu em Jardim — outro valle do Cariri — e contando mais de cem annos de idade.

E eu achei, sempre, tão exaggerada a descripção que elle fazia do celebre PAU-SÊCCO, — que déra o nome ao logar — e que era do tempo dos indios, que jamais me atrevi a mencional-a por escripto, como o faço agora, animado pelo facto que veremos adeante.

Dizia elle que ouvira os antigos contar que, no logar, havia uma arvore tão grande, tão colossal, que tendo morrido ou seccado, e estando no chão ou derrubada, servia o respectivo ôco ou cavidade do seu tronco de morada e trincheira ao chefe e a toda a tribu senhora da região. Que por isto os taes indios eram conhecidos pelo nome: dos PAU-SÊCCO.

E dahi vinha tambem o nome do sitio.

E' que tendo esses indios comsigo um escravo, raptado da casa da "Torre", do São Francisco, (aqui a tradição combina perfeitamente com as outras já conhecidas) e vivendo elles em guerras com os da cachoeira (Missão Velha) esse escravo aconselhou-os a ir pedir o auxilio dos "brancos" da mesma casa da "Torre".

Acceito o alvitre ou conselho, foi o mesmo escravo encarregado de ir ao São Francisco pedir o alludido auxilio, o que fez, trazendo depois uma "bandeira" e um padre, que os catechisou.

Como se vê, pois, a ultima parte da tradição narrada pelo meu tio-avô, está conforme com outras publicadas por João Brigido e ainda referida por pessôas antigas da região.

Mas... a historia da arvore, cujo tronco servia de "malóca" da tribu, pareceu-me sempre tão exaggerada, tão fabulosa, que eu a relegaria para o dominio das lendas, ou das "mentiras" rocambolescas.

— Podia lá ser uma cousa destas?! — pensava.

E nunca me atrevi a contar essa historia a ninguem, com receio do ridiculo a que me podia expor e expor o meu querido velho e parente.

E sabe o leitor, (se o tenha), porque, hoje, me atrevo a escrevel-a, como o faço, e envial-a ao emerito Barão de Studart, e aos seus illustres consocios e meus do "Instituto do Ceará", para a sua patriotica "Revista"?

Por isto:

Descobri aqui, na Bibliotheca Publica de Belém, do Pará, um livro curioso e hoje raro: — "LEMBRANÇAS E CURIOSIDADES DO VALLE DO AMAZONAS", pelo Conego Francisco Bernardino de Souza, 1873.

Esse livro é um repertorio interessantissimo sobre cousas da Amazonia.

E nelle, á pagina 18, encontrei o seguinte, que aqui transcrevo litteralmente:

"ARVORE COLOSSAL.

O naturalista Gustavo Wallis, que em 1863, percorreu o alto Rio Branco, entre muitas outras curiosidades deu noticia da existencia de uma arvore colossal, pertencente á familia das Bombacinéas e que até certo tempo admittia-se como subdivisão das malvaceas.

As dimensões desse colosso, segundo o sr. Wallis, são espantosas e ainda superiores, affirma elle, ás do celebre Boabab da Senegambia, ás Araucarias das provincias do sul e ás Wellingtonias da California e da Serra Nevada.

A arvore do alto Rio Branco conta 260 palmos de diametro na cópa, o que dá 780 de circumferencia, abrangendo assim 50.700 palmos quadrados de superficie.

Sob esse immenso tecto de verdura podem-se accommodar perfeitamente 10.000 homens, e sem constrangimento poderia viver uma familia empregada na lavoura.

O tuyuyú, passaro notavel pelo tamanho escolhe os ramos da grande arvore para livrar-se das settas do indio e lá nos pincaros zomba até da polvora. Essa arvore tão notavel pelas suas dimensões é a Sumaumeira, mui conhecida nas duas provincias do Pará e Amazonas e que geralmente se encontra nas margens dos rios de aguas brancas."

E o conego, no seu livro, continúa a descrever muitas outras arvores gigantescas existentes em outros paizes, mas nenhuma igual á nossa "patricia" do alto Rio Branco, no Estado do Amazonas.

Ora, deante disto, depois disto, eu perdi o temor do ridiculo a que me podia expor, escrevendo e publicando a tradição — mais uma tradição — sobre a descoberta do Cariri, sobre os indios PAU SÊCCO, e o sitio historico—, mais uma vez historico — em que nasci.

E devo mais accrescentar, aqui, que ainda hoje, no sitio Buriti, abaixo do Crato, e no sitio Muchila, acima de Joaseiro, são encontradas, vivas, duas "herdeiras", dessa arvore colossal do "Pau-Sêcco."

E confesso-me summamente grato a esse bom conego Francisco Bernardino de Souza e a esse heroico naturaista Wallis, que me proporcionaram a coragem e o desogo para contar tambem a minha... historia.

Belém, 7/30.